

Bancos europeus mantêm serenidade e 'fairplay'

ANY BOURRIER
Correspondente

PARIS — Calma e serenidade diante da suspensão do pagamento do serviço da dívida externa brasileira é a palavra de ordem da comunidade bancária européia. Nenhuma reunião especial para discutir o problema está prevista na agenda dos diretores dos bancos credores do Brasil. Apenas algumas consultas de rotina entre eles. Nas agências do Banco do Brasil e do Banespa, em Paris, as operações seguem o ritmo normal, conforme informaram suas Diretorias.

— Entre a suspensão do pagamento do serviço da dívida e novos empréstimos para o Brasil, sob forma de dinheiro novo, os banqueiros europeus julgam que a primeira hipótese ainda é a melhor — afirmou alta fonte financeira, ontem, em Paris.

O distanciamento da comunidade bancária pode ser explicado por dois argumentos. Esta não é a primeira vez que o Brasil suspende o reembolso de sua dívida externa, e, além disso, o envolvimento dos bancos privados europeus é menos significativo que o dos americanos.

— Até o fim de três meses, é possível esperar. Porém, se a suspensão for por tempo indeterminado, como se desprende do discurso do Presidente Sarney, os bancos americanos

vão reagir. Aposto até que na véspera da expiração do prazo de três meses, sairá novo acordo com os credores — explica a mesma fonte.

Outra análise que fazem os banqueiros franceses é a de que o Brasil, ao suspender a remessa dos juros da dívida para o exterior, esteja procurando posicionar-se taticamente antes da reabertura das negociações com os bancos credores nos Estados Unidos.

— Existe a possibilidade positiva de que o Brasil esteja dando um golpe de mestre, tendo avaliado, antes, o estado de espírito dos banqueiros. A comunidade bancária está começando a ficar farta desse problema da dívida e, como os bancos estão com caixa alta, dispõem-se a aceitar o corte dos juros desde que não se peça dinheiro novo — ponderou um banqueiro.

Para reforçar seu argumento, ele relembra que, em 1983, o Brasil suspendeu todos os pagamentos. Desta vez, não se toca nos débitos comerciais, apenas nos financeiros.

— Atualmente — comentou a fonte bancária — o Brasil continua pagando a seus fornecedores e às agências internacionais, como o Banco Mundial ou o Clube de Paris, mas suspende o pagamento dos bancos comerciais para melhor negociar com eles. Isto é uma tática e é muito bem feita. Com ela o Governo brasileiro

talvez consiga mais concessões dos bancos.

A formação de uma frente comum de devedores ou a possibilidade de que outros países latino-americanos imitem o exemplo brasileiro somente foi levada a sério pela imprensa de Paris. Os jornais de ontem dispararam o alarme para a eventualidade da formação de um **debt power**, mas os banqueiros evitam tocar no assunto ou então afirmam que não acreditam no cartel da moratória porque os países latino-americanos estão muito divididos. Dizem os banqueiros que o México está com a faca no pescoço, a Argentina quer mostrar que está melhor, mas não é verdade. Por isso, não acreditam que haja condições para a formação de uma frente de devedores.

Para alguns observadores da economia brasileira, contudo, a situação de insolvência do País precisa ser levada a sério.

— Não somos otimistas porque tememos a evolução da situação política do Brasil — declarou fonte do Ministério das Finanças da França, acrescentando:

— A Constituinte está aberta e vulnerável. Qualquer demagogia pode se transformar em linha econômica e o Brasil, que tinha se comportado com relativa seriedade na negociação de sua dívida, pode acabar demagogicamente mal.